

O associativismo de classe dos ourives no Porto: das origens ao fim do sindicalismo livre (1897-1933)

António Valpaços

ajvalpacos@gmail.com

Resumo

Este artigo expõe os resultados do trabalho de investigação sobre as associações de classe de ourives na cidade do Porto, fundadas entre os finais do século XIX e inícios do século XX, num período em que o regime monárquico agonizava e os republicanos conspiravam para tomar o poder.

Este texto analisa o percurso destas associações, o seu crescimento e maturação ideológica, durante a 1.^a República, até ao seu declínio com a instauração da ditadura militar, culminando com o seu desaparecimento, em 1933, quando se estabelece a nova ordem corporativa e a instituição dos Sindicatos Nacionais, pondo fim ao sindicalismo livre.

Pretendemos, assim, contribuir para a história destas associações de trabalhadores, dando a conhecer parte do seu legado histórico e do seu papel no movimento operário portuense e nacional. Na luta pela transformação da sociedade e pela melhoria das condições de vida do operariado, também os ourives do Porto deram um importante contributo.

Palavras-chave: Ourives, Movimento Operário, Associativismo, Sindicalismo.

Abstract

This article exposes the results of the research work on goldsmiths' class associations in the city of Porto, founded between the end of the 19th century and the beginning of the 20th century, in a period when the monarchical regime was dying and the republicans conspired to take power.

This text analyses the path of these associations, their growth and ideological maturation, during the 1st Republic, until their decline with the establishment of the military dictatorship, culminating in their disappearance, in 1933, when the new corporate order and the institution of National Unions is established, putting an end to free unionism.

Thus, we intend to contribute to the history of these workers' associations, making known part of their historical legacy and their role in the Porto and national workers' movement. In the fight for the transformation of society and for the improvement of the living conditions of the workers, the goldsmiths of Porto also made an important contribution.

Keywords: Goldsmith, Workers' Movement, Associations, Unionism.

Introdução

O objeto deste estudo são as associações de classe dos ourives, na cidade do Porto – a Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto (também conhecidos por ourives do ouro) e a Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas (também referida como dos ourives da prata), entre os anos de 1897 e 1933, desde a sua origem até aos últimos dias de ação sindical livre. Dado o impacto social que o movimento operário assumiu no período em estudo, considerou-se que a análise da história destas associações seria não só oportuna como importante. A classe dos ourives, ao contrário de outras, carece de estudos aprofundados e entendeu-se que este trabalho de investigação poderia contribuir para o seu melhor conhecimento, contribuindo, de igual modo, para a história das associações de classe da cidade do Porto.

Do ponto de vista metodológico, importa referir que o fio condutor desta análise é a evolução ideológica das associações de classe dos ourives do ouro e dos ourives da prata, inseparável das interpretações que fizeram dos momentos históricos que vivenciaram. Pensamos que esse percurso pode ser demonstrado através do papel desempenhado pela classe dos ourives no seio do movimento operário, visível na participação em congressos operários e em estruturas federativas operárias, na tomada de posições sobre a situação política e sobre a classe, bem como nas discussões políticas e de tática sindical no seio de cada associação.

Já existem sobre algumas classes profissionais estudos desenvolvidos e publicados. Seleccionamos alguns a título de exemplo. António Ventura estudou os corticeiros de Portalegre, a partir das atas sindicais entre 1910 a 1920¹, Alexandre Flores, por sua vez, debruçou-se sobre os de Almada, no período de 1860 a 1930². Maria Filomena Mónica estudou os vidreiros da Marinha Grande³, os metalúrgicos de Lisboa, entre 1880 e 1934⁴, e ainda os chapeleiros portugueses, no período de 1870 a 1914⁵. Paulo Eduardo Guimarães dedicou vários estudos aos mineiros alentejanos⁶. José Pedro Castanheira

¹ VENTURA, António — *Os Corticeiros de Portalegre. Actas Sindicais (1910-1920)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1987.

² FLORES, Alexandre — *Almada na história da indústria corticeira e do movimento operário (1860-1930)*. Almada: Câmara Municipal, 2003.

³ MÓNICA, Maria Filomena — Poder e saber: os vidreiros da Marinha Grande. *Análise Social*. Vol. XVII, 3.º- 4.º, n.º 67-68 (1981). p. 505-571.

⁴ MÓNICA, Maria Filomena — Indústria e democracia: os operários metalúrgicos de Lisboa (1880-1934). *Análise Social*. Vol. XVIII, 3.º- 4.º- 5.º, n.º 72-73-74 (1982) p. 1231-1277.

⁵ MÓNICA, Maria Filomena — Uma aristocracia operária: os chapeleiros (1870-1914). *Análise Social*. Vol. XV, 4.º, n.º 60 (1979) p. 859-945.

⁶ GUIMARÃES, Paulo Eduardo — *Indústria e conflito no meio rural: os mineiros alentejanos (1858-1938)*. Lisboa: Colibri/Cidehus, Universidade de Évora, 2001.

estudou os bancários de Lisboa e a sua organização sindical⁷. Américo Nunes analisou os profissionais de hotelaria, desde a constituição das primeiras associações de classe até ao 18 de janeiro de 1934, com ênfase no movimento sindical⁸.

Por fim, devemos referir que o nosso trabalho partiu da análise exaustiva das atas de direção e de assembleia geral das associações de classe dos ourives do ouro e dos ourives da prata, bem como do Sindicato Único Metalúrgico do Porto. Esta documentação integra o fundo do Governo Civil do Porto, depositado no Arquivo Distrital do Porto. Este fundo contempla documentos produzidos e recebidos pelo Governo Civil do Porto no âmbito das suas funções ao longo da sua história. É possível consultar dezoito sub-fundos de associações de classe ou federações operárias, que ficaram à sua guarda, após a instauração da nova ordem corporativa, que extinguiu, em 1933, os sindicatos livres⁹.

Temos consciência de que as fontes escolhidas têm um conjunto de condicionantes e limitações que importa considerar ao longo de todo o trabalho. Encontramos atas mais completas e descritivas, outras mais curtas e sucintas, e, inclusive, são visíveis diferenças de escrita e de detalhe, consoante quem as redigiu. Há atas que só nos permitem saber as deliberações aprovadas. Nem sempre existe um relato minucioso e detalhado de todos os factos e devemos ter presente que, muito provavelmente, ocultaram deliberadamente discussões que existiram.

Não obstante, as fontes selecionadas revelaram-se riquíssimas na informação que fornecem. Conseguimos compreender as dinâmicas vividas no interior das associações de classe dos ourives, acompanhar os seus percursos ideológicos, bem como a forma como cada uma interagiu com o movimento operário. Compreendemos as suas vidas, as suas dificuldades, as suas conquistas, as discussões, os conflitos, os diferentes pontos de vista, as ideologias que nelas se cruzaram. As fontes consultadas fazem transbordar do papel e das palavras vivência e proximidade. Interpretadas de forma isolada, podem transmitir pouco, mas, quando assimiladas em conjunto, permitem criar uma linha temporal de acontecimentos, onde se destacam diferentes posições. São como um *puzzle* de informações que se cruzam e que só fazem sentido quando interpretadas de forma relacionada. São parte do legado vivo da história do associativismo de classe dos ourives

⁷ CASTANHEIRA, José Pedro — *Os Sindicatos e o Salazarismo: a História dos Bancários do Sul e Ilhas (1910-1969)*. Lisboa: Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, 1983.

⁸ NUNES, Américo — *Diálogo com a História Sindical: Hotelaria: De Criados Domésticos a Trabalhadores Assalariados*. Lisboa: Editorial Avante, 2007.

⁹ O Decreto-Lei 23.050 de 23 de setembro de 1933, previa que a “inspeção” e “vigilância” à dissolução dos sindicatos bem como a liquidação dos seus bens poderia ser delegada, pelo Instituto Nacional do Trabalho e Previdência, “no governador civil ou no administrador do concelho ou bairro”.

na cidade do Porto, que, acreditamos, não poderá ser contada nem compreendida sem a ter em conta. Este trabalho de investigação é um contributo modesto nesse sentido.

1. O associativismo laboral portuense, de meados do século XIX ao 1.º terço do século XX

O movimento associativo portuense surge na década de 50 do século XIX, com a constituição das primeiras associações de carácter mutualista. Essas associações, maioritariamente constituídas por trabalhadores, artesãos e operários, procuravam auxiliar o operariado em caso de doença, invalidez, desemprego ou morte, através da recolha de coletas, embora de forma muito tímida e insuficiente.

No entanto, o trabalho nestas associações não era fácil, apontando Pacheco Pereira como causas as debilidades no plano organizativo, as dificuldades financeiras, a fraca participação na vida associativa e a hostilidade por parte das autoridades civis e dos patrões, entre outras¹⁰.

Só a partir da década de 70 surgiram as associações de classe, para dar resposta às reivindicações operárias, animadas, seguramente, pelo espírito da Comuna de Paris e da Associação Internacional dos Trabalhadores. Fruto desta evolução no movimento associativo, e apesar do Estado permitir a existência de algumas associações de classe através de autorizações por alvará, não existia uma regulamentação específica. Este cenário foi alterado com a publicação do Decreto de Lei de 9 de Maio de 1891 através do qual o Estado permitiu a constituição de associações de classe.

A agitação operária, já verificada nas últimas décadas do século XIX, irá intensificar-se no início do século XX até às vésperas da República. Num trabalho de Gaspar Martins Pereira e Maria João Castro, sobre o movimento operário na 2.ª metade do século XIX, são apontados dados reveladores dessa agitação, na cidade do Porto. O ano de 1903 é marcado por greves de operários têxteis, de cordoeiros, de tamanqueiros, de serralheiros, de chapeleiros, assumindo particular destaque a grande greve dos tecelões em maio desse ano, que se transformou em greve geral¹¹. Em 1906 há novamente uma

¹⁰ PEREIRA, José Pacheco — A origem do movimento operário no Porto: as associações mutualistas (1850-70). *Análise Social*. Vol. XVII, 1.º, n.º 65 (1981) p. 135-151.

¹¹ TORRES, Eduardo Cintra — *A greve geral de 1903 no Porto: um estudo de história, comunicação e sociologia*. Porto: Afrontamento, 2018.

greve dos tecelões e também dos chapeleiros, de operários da construção civil e de carpinteiros. Até à República ainda ocorreram cerca de 35 greves¹².

Os anarquistas desempenharam um papel decisivo nestas greves aumentando a sua influência junto dos operários. A corrente anarcossindicalista assumirá, assim, logo após a revolução republicana, o controlo dos destinos do sindicalismo português, conquistando um lugar que outrora pertencera aos socialistas. O novo regime político e as grandes greves que se verificaram nos seus primeiros anos permitiram que cada vez mais trabalhadores aderissem à doutrina sindicalista revolucionária, o que se traduziu no “reforço da organização de feição revolucionária do operariado com a reedição do congresso sindicalista em 1911”¹³.

Os anos 20 e 30 do século XX foram marcados pela partilha do espaço sindical entre anarcossindicalistas, socialistas e comunistas. Quando se instaurou a ditadura militar, a 28 de maio de 1926, os conflitos ideológicos no meio sindical assumiram um carácter mais violento e sério. Nos anos seguintes, acentuaram-se debilidades organizativas e houve uma redução drástica do número de operários sindicalizados. As diversas tentativas de combate à ditadura militar resultaram num profundo insucesso. Em 1933, aquando da instauração da nova ordem corporativa, assiste-se a um sindicalismo de esquerda que se encontra “simultaneamente dividido e desarmado para enfrentar os desafios dos tempos que correm e, sobretudo, os que se anunciam”¹⁴.

2. O associativismo de classe dos ourives no Porto: das origens à união

2.1. Os ourives – da origem à união

No levantamento realizado por Pacheco Pereira, sobre a fundação das primeiras dezassete associações operárias, no período entre 1852 a 1868, identificamos os ourives, representados na Associação Benéfica dos Ourives do Porto, previsivelmente, segundo o

¹² PEREIRA, Gaspar Martins, CASTRO, Maria João — *Do Corporativismo ao Anarco-Sindicalismo. Sobre o movimento operário no Porto na segunda metade do século XIX*. In Carlos Alberto Ferreira de Almeida: *in memoriam*. Porto: FLUP, 1999. Vol II. p. 203-212.

¹³ PEREIRA, Joana Dias — *Sindicalismo Revolucionário: A História de uma Idéia*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011. p. 51.

¹⁴ PATRIARCA, Fátima — *A Questão Social no Salazarismo 1930-1947*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995. Vol. 1. p. 218.

autor, criada em 1860¹⁵. Por sua vez, Costa Goodolphim aponta como data de fundação o ano de 1856 e refere que tinha 250 sócios¹⁶.

Nas décadas seguintes, a cidade do Porto ficou marcada pela “ação grevista” e pela “formação das associações de classe, de cooperativas de consumo e de produção, de publicação de jornais de cariz ideológico ou de defesa dos interesses profissionais”. Certamente influenciados por estes surtos associativos começam também os ourives a constituir as suas próprias associações de classe¹⁷.

A primeira referência de que dispomos sobre a fundação de uma associação de classe de ourives diz respeito aos oficiais ourives do ouro. Em reunião de assembleia geral, a 30 de maio de 1897, são lidas “as bases de uma associação de classe de oficiais de ourives”, sendo ainda constituída uma comissão de nove membros para dirigir a associação até à eleição dos primeiros corpos gerentes¹⁸. Os ourives da prata encontram-se presentes e são chamados a pronunciar-se acerca de uma moção que pretendia que a associação de classe fosse constituída por ourives do ouro e também de prata. Curiosamente, rejeitam essa moção, mas não nos é possível perceber os motivos, já que não foram expostos na ata consultada. Constatamos a primeira divergência dentro da classe e acreditamos que possa estar relacionada com o facto de haver oficinas exclusivas e distintas do ouro e da prata. A existência de associações de classe de industriais respeitando a divisão ouro/prata poderá também ter influenciado a decisão.

A 24 de maio de 1905, os ourives da prata reúnem-se para refundar a sua associação de classe, uma vez que a ata de fundação refere que se juntaram para reorganizar a associação que “em tempo existiu” mas como os “alicerces eram fracos desapareceu”¹⁹. Supomos que essa primeira associação de classe de ourives da prata terá sido criada logo após a fundação da associação de classe de ourives do ouro, já que existe troca de correspondência entre ambas, em 1897. Sobre essas comunicações, os ourives do ouro fazem referência a um “manifesto pouco lisonjeiro” dirigido pelos ourives da prata²⁰.

¹⁵ PEREIRA, José Pacheco — A origem do movimento operário no Porto.... p. 135-151.

¹⁶ GOODOLPHIM, Costa — *A Associação*. Porto: Seara Nova, 1974. p. 108.

¹⁷ PEREIRA, Gaspar Martins, CASTRO, Maria João — *Do Corporativismo ao Anarco-Sindicalismo...* p. 203-212.

¹⁸ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 30 de maio de 1897. p. 1.

¹⁹ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 24 de setembro de 1905. p. 1.

²⁰ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 21 de novembro de 1897. p. 4.

Tomamos conhecimento, pela primeira vez, da existência da Associação de Classe de Ourives do Porto, no ofício que os ourives do ouro lhes pretendem enviar sobre a regulamentação do horário de trabalho e de descanso, em 1898²¹.

Os primeiros anos das duas associações de classe de ourives da prata e do ouro são difíceis, marcados por um conjunto de ideias e intenções que dificilmente veem a luz do dia devido a elevadas debilidades organizativas. Apesar disso, registam-se episódios merecedores de destaque.

A 3 de outubro de 1909, os ourives da prata, reunidos numa assembleia geral muito concorrida, decidem ficar em “sessão permanente”, porque os industriais pretendiam alargar o horário de trabalho de dez para onze horas diárias²². Significava o aumento de mais uma hora de trabalho por dia. Registam-se, provavelmente, as primeiras greves na classe dos ourives, já que é a primeira vez que essa referência surge nas fontes. Apesar de, no final desse mês, o conflito estar praticamente sanado, os operários da casa Correia continuaram em greve²³. Os ourives da prata recolhem donativos para auxiliar estes grevistas e, de forma unânime, apelam para que se mantenham em luta “até que a justiça seja feita”²⁴.

Com a implantação da República, sente-se a agitação no seio da classe dos ourives devido à publicação da lei que regulamentou a greve. Apesar das duas associações aprovarem uma moção de rejeição à lei da greve, promovida pela Federação das Associações Operárias, esta não foi uma decisão unânime. Há registo de vozes discordantes, que estavam a favor da lei porque entendiam que existiam classes trabalhadoras que abusavam desse direito²⁵.

A participação do operariado nas brigadas da polícia cívica foi também uma questão que gerou discórdia nos ourives da prata. Assistiu-se a uma discussão “tumultuosa” da qual não resultou qualquer tomada de decisão²⁶. O mesmo não acontece nos ourives do ouro, que não aprovam a participação do operariado nos batalhões de voluntários.

Até à junção dos ourives do ouro e dos ourives da prata no Sindicato Único Metalúrgico do Porto, em 1919, existiram sempre alguns constrangimentos na relação entre estas duas associações de classe e, porventura, uma certa rivalidade, até nos

²¹ *Ibidem*. Reunião de 11 de setembro de 1898. p. 12.

²² ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 3 de outubro de 1909. p. 32.

²³ *Ibidem*. Reunião de 25 de outubro de 1909. p. 37.

²⁴ *Ibidem*. Reunião de 29 de outubro de 1909. p. 38.

²⁵ *Ibidem*. Reunião de 3 de fevereiro de 1911. p. 62.

²⁶ *Ibidem*.

momentos em que era suposto estarem unidas, quando se tratava de assuntos de comum interesse à classe. Exemplo disso é o registo que encontramos de 1906, ano que marca o início da discussão em torno do regulamento das contrastarias. Por um lado, encontramos os ourives do ouro a unirem-se à Associação de Classe de Ourives do Porto para alcançarem um entendimento nas propostas de alteração a apresentar²⁷. Por outro, os ourives da prata regozijam-se pelo facto de as suas emendas ao regulamento terem sido “bem recebidas” – seguramente pelo Governo ou pelo seu representante, o Governador Civil – o que não acontecera com as sugestões apresentadas pelos ourives do ouro²⁸.

Esta constatação não significa que o clima entre ourives do ouro e ourives da prata fosse de crispação constante e que não houvesse espaço para o diálogo e para momentos pontuais de apoio e união. Em diversas situações manifestaram entre si auxílio moral e material, de que é exemplo, em 1916, a contribuição de 1500 escudos dos ourives do ouro a pedido dos ourives da prata “para os camaradas presos por ocasião da última greve”²⁹.

Após o 2.º Congresso Operário Nacional, realizado entre 13 e 15 de setembro de 1919, em Coimbra, ambas as associações abrem caminho para a criação de um novo organismo federado das associações de classe da indústria metalúrgica. Os ourives da prata e os ourives do ouro aprovam o ingresso no Sindicato Único Metalúrgico do Porto, em assembleias gerais ocorridas a 22 de outubro de 1919³⁰ e 5 de novembro de 1919³¹, respetivamente.

2.2 Os ourives e o movimento operário nacional e local

A análise das fontes permitiu-nos perceber que é praticamente ausente qualquer discussão no seio das associações de ourives acerca dos congressos operários e sindicalistas ocorridos antes do 1.º Congresso Operário Nacional, em Tomar, em 1914. Estamos a referir-nos nomeadamente ao “Congresso Nacional Operário” onde “predominavam elementos socialistas”³², que decorreu em Lisboa e no Porto, a 4 e a 25

²⁷ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 22 de junho de 1906. p. 86.

²⁸ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 9 de setembro de 1906. p. 9.

²⁹ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 10 de maio de 1916. p. 177.

³⁰ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 22 de outubro de 1919. p. 22.

³¹ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas da Direção*. Reunião de 10 de novembro de 1919. p. 211.

³² VIEIRA, Alexandre — *Para a história do sindicalismo em Portugal*. Lisboa: Seara Nova, 1970. p. 41.

de julho de 1909, respetivamente, e, ainda, aos dois congressos sindicalistas, o primeiro realizado a 5 de setembro de 1909 e o segundo a 7 de maio de 1911, de “orientação sindicalista-revolucionária”³³.

A única exceção a esse propósito diz respeito à possível participação dos ourives do ouro no 1.º Congresso Sindicalista realizado a 5 de setembro de 1909. Não conhecemos nenhuma discussão nem antes nem após o congresso. No entanto, em assembleia geral realizada a 29 de agosto desse mesmo ano, são nomeados delegados ao “congresso operário” Inocêncio Guedes Casais e António Castelo. Contudo, essa presumível participação só é aprovada porque Casais se disponibilizou a pagar a totalidade ou uma parte da despesa que a associação teria³⁴.

No final do ano de 1913, verificamos que os ourives da prata são os primeiros a estarem envolvidos no processo de preparação do 1.º Congresso Operário Nacional, participando em várias reuniões com outras associações operárias para esse propósito. Contudo, e apesar de ser perceptível que a direção estaria recetiva a nomear delegados, a assembleia geral reunida a 18 de janeiro de 1914 determina o contrário³⁵. De igual modo, decidem os ourives do ouro a 3 de março de 1914. O fundamento para a recusa em participar é consensual, alegam que o congresso deveria ter sido adiado e que a comissão promotora procedeu com “deslealdade com as associações do Norte”³⁶.

Ourives da prata e do ouro acabam assim por não estar presentes no Congresso onde é criada a União Operária Nacional (UON), traduzindo a vitória do sindicalismo revolucionário sobre o socialismo reformista³⁷.

Não obstante, a 5 de junho de 1914, os ourives da prata tomam a decisão de aderir à UON, pois tinham recebido informações que nela se podiam filiar “todas as coletividades operárias seja qual for a tática que empreguem na conquista das suas reivindicações”³⁸. Pelo contrário, os ourives do ouro não tomam uma decisão, preferindo “esperar pelo funcionamento da dita união para depois [...] resolver o caminho a seguir”³⁹.

³³ *Ibidem*. p. 55.

³⁴ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 29 de agosto de 1909. p. 105.

³⁵ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 18 de janeiro de 1914. p. 89.

³⁶ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 3 de março de 1914 p. 149.

³⁷ OLIVEIRA, César — *A Criação da União Operária Nacional*. Porto: Afrontamento, 1973. p. 9.

³⁸ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 5 de junho de 1914. p. 113.

³⁹ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 30 de julho de 1914. p. 156.

Nos anos que se seguem assistiremos a uma participação cada vez mais ativa das associações de classe dos ourives do Porto, que marcam presença no 2.º Congresso Operário Nacional, em 1919, onde é criada a Confederação Geral do Trabalho (CGT).

Na fase preparatória deste congresso, constatamos que os ourives do ouro se fizeram representar por intermédio de Adolfo Pinto dos Santos⁴⁰. Contudo, não foi possível recolher dados sobre a envolvimento desta associação nas discussões preparatórias, uma vez que a última ata registada de assembleias gerais, em 1919, data de 11 de abril.

Por sua vez, os ourives da prata fizeram-se representar por António Rodrigues dos Santos que, aquando da sua nomeação em assembleia geral, faz a “apologia do congresso operário e à fundação da CGT Portuguesa”, referindo que são os ourives da prata a lançar “o grito” à união metalúrgica⁴¹.

No movimento operário local, o papel das associações de classe dos ourives está muito associado à presença na Federação das Associações Operárias, para a qual nomeavam delegados. No seio dos ourives do ouro, a Federação era motivo de debate e era notória a sua influência. A maioria dos ourives do ouro apoiava a participação, embora houvesse vozes discordantes. A 19 de agosto de 1900, ocorre a primeira discussão acerca da “desfederação”, motivada pela influência do Partido Socialista no seio da Federação⁴². Contudo, só a 29 de agosto de 1909 decidem, em assembleia geral, reprovar a nomeação de delegados à Federação por proposta de Inocêncio Guedes Casais⁴³. Porém, em 1912, verificamos que se encontram novamente federados, apesar de haver quem não concorde com “a orientação reformista que ela segue” e defenda que o fundamental seria que pudesse “contribuir para uma completa unificação do operariado sem querer saber de opiniões ou escolas que cada um segue”⁴⁴. Já em 1915, discutem que os delegados devem vigiar a Federação para que “não volte a ser um feudo socialista”, observação feita por Casais, o mesmo que, no ano seguinte, em 1916 será delegado⁴⁵. No que toca aos ourives da prata, não há registo de discussões sobre a Federação no seu seio, provavelmente por esta não ter grande expressão entre eles.

⁴⁰ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas da Direção*. Reunião de 15 de outubro de 1919. p. 205.

⁴¹ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 26 de junho de 1919. p. 12.

⁴² ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 19 de agosto de 1900. p. 28.

⁴³ *Ibidem*. Reunião de 29 de agosto de 1909. p. 105.

⁴⁴ *Ibidem*. Reunião de 18 de fevereiro de 1912. p. 134.

⁴⁵ *Ibidem*. Reunião de 19 de agosto de 1900. p. 28.

Quanto à União Geral dos Trabalhadores (UGT) a participação das associações de classe dos ourives é residual. Só os ourives da prata chegariam a aderir à UGT⁴⁶, embora por um período muito curto, de janeiro de 1912 a julho de 1913. A sua desfiliação não foi motivada pela falta de apoio à UGT mas pela desarmonia existente no seio da classe⁴⁷. Aliás, conforme referiu Alexandre Vieira, a participação da UGT no II Congresso Sindicalista em 1911 – que reuniu cerca de 23 associações de classe do Norte – marca o início de uma luta “sem êxito, pela independência do movimento sindicalista face à FAO [...] orientada pelo Partido Socialista”⁴⁸.

2.3. Os ourives e as tendências ideológicas

Para se interpretar o posicionamento ideológico das associações de classe dos ourives, é fundamental ter em consideração as correntes que dominaram o movimento operário. O socialismo reformista era a linha que predominava, até ao 1.º Congresso Operário Nacional. Porém, nesse congresso, assiste-se ao triunfo do sindicalismo revolucionário, que vinha já assumindo, desde 1909⁴⁹, um papel preponderante no movimento operário e que irá conduzir à rutura do operariado com a I República, manifestando-se nas suas lutas contra o decreto de lei da greve, por aumentos de salários e contra a carestia de vida⁵⁰.

Anos mais tarde, o 2.º Congresso Operário Nacional consagra novamente o sindicalismo revolucionário como a “doutrina eleita do operariado”, apesar das divergências que aí se começam a manifestar entre “militantes influenciados pela revolução russa e os anarquistas”⁵¹.

Contudo, no pós-guerra existiram grandes derrotas sindicais que provocaram a perda do “poder de atração”⁵² do sindicalismo revolucionário. A eficácia da sua tática de ação direta ficou descredibilizada, determinando a sua falência. No seio do movimento operário acentuam-se divergências e, no final do ano de 1920, este passa a ser conduzido por uma “orientação cada vez mais nitidamente anarcossindicalista da CGT”⁵³.

⁴⁶ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 25 de janeiro de 1912. p. 76.

⁴⁷ *Ibidem*. Reunião de 13 de julho de 1913. p. 80.

⁴⁸ VIEIRA, Alexandre — *Para a história do sindicalismo*.... p. 55-56.

⁴⁹ PEREIRA, Joana Dias — *Sindicalismo Revolucionário*... p. 43-44.

⁵⁰ OLIVEIRA, César — *A Criação da União Operária*.... p. 23.

⁵¹ PEREIRA, Joana Dias — *Sindicalismo Revolucionário*.... p. 133.

⁵² *Ibidem*. p. 145.

⁵³ *Ibidem*. p. 154.

Tendo em conta este breve enquadramento da evolução das correntes ideológicas no seio do movimento operário, é possível traçar o percurso ideológico das duas associações de classe dos ourives, através da análise das posições que assumiram perante o Estado e o patronato, de como defenderam os interesses da sua classe e da forma como participaram e intervieram no movimento operário nacional e local.

As leituras das atas sugerem que os ourives da prata têm um carácter mais reivindicativo, que se manifestou desde muito cedo, comparativamente com os ourives do ouro. Como já o referimos, é no ano de 1909 que se registam as primeiras greves em oficinas de prata, devido à intenção de alargamento do horário diário de dez para onze horas por parte dos patrões⁵⁴. Dois anos mais tarde, perante uma situação similar, relacionada com um problema de regulamentação do horário de trabalho, os ourives do ouro decidiram não encetar contactos com os industriais por causa da “agitação política [...] que tem apossado a região portuguesa” optando por aguardar “até ver-se na política uma melhoria sensível”⁵⁵. A ação dos ourives do ouro, que acontece *a posteriori*, é menos revolucionária e audaz do que a dos ourives da prata. Este é um exemplo que retrata bem a diferença de atitude e posicionamento que as duas associações têm e que acaba por ser espelho do percurso que cada uma segue.

Podemos, ainda, abordar um outro exemplo que o evidencia. Em 1909, as duas associações de classe responderam a uma inquirição promovida pela Repartição do Trabalho Industrial do Ministério do Fomento. Quando questionadas sobre o horário de trabalho praticado na indústria, os ourives da prata responderam dez horas e os ourives do ouro entre doze a catorze horas para os homens e entre catorze a dezasseis horas para os menores. À pergunta sobre sugestões de medidas para melhorar as condições de trabalho do operariado, os ourives do ouro responderam “deve o governo fazer cumprir e acatar a lei de dez horas de trabalho” enquanto os ourives da prata exigiam a “diminuição do horário de trabalho, abolição do imposto de consumo, criação de bairros operários, criação de escolas primárias e de desenho profissional”⁵⁶. Estas respostas são díspares e ilustrativas do patamar de negociação e de orientação ideológica em que as duas associações de classe se encontravam. Os ourives da prata cumpriam o horário de trabalho

⁵⁴ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 3 de outubro de 1909. p. 32.

⁵⁵ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 16 de julho de 1899. p. 19.

⁵⁶ SIMÕES, José de Oliveira — Inquirição pelas associações de classe sobre a situação do operariado. *Boletim do Trabalho Industrial*, n.º 49. Lisboa: Imprensa Nacional, 1910. p. 485-496.

de dez horas e já reivindicavam a sua redução. Tinham um objetivo mais global, a melhoria das condições de vida dos operários, tendo apresentado propostas que não se cingiam ao contexto de trabalho. Já os ourives do ouro trabalhavam mais horas e apenas ambicionavam o cumprimento da lei.

Claramente existe uma discrepância na forma como estas duas associações atuavam. Há um espírito revolucionário e contestatário nos ourives da prata que não existe no carácter condescendente dos ourives do ouro. Inevitavelmente, dentro da mesma classe, uns conquistam direitos que outros apenas mais tarde alcançarão.

De facto, os ourives do ouro assumiram desde sempre uma postura de procura de consensos com os industriais e de adiamento de lutas por nunca ser o momento apropriado. Só encontramos registo de uma greve, em outubro de 1920⁵⁷. A assunção de práticas de ação direta, preconizadas pelo sindicalismo revolucionário, não fazia parte da identidade desta associação de classe. Acreditamos que estaria mais próxima do socialismo reformista. Não é por acaso que, praticamente desde a sua fundação, apoiou financeiramente o jornal *O Eco Socialista*⁵⁸ e, em 1905, se associou às homenagens ao chefe da nação francesa, o republicano Émile Loubet, e até lhe endereçou um telegrama⁵⁹.

As várias lutas desenvolvidas pelos ourives da prata demonstram que a corrente do sindicalismo revolucionário conquistou, desde cedo, a sua associação de classe. Tinham como prática agir diretamente, motivados pela resolução de problemas e pela defesa dos seus interesses, usando a greve como expressão máxima. Destacamos inúmeros surtos grevistas, a partir da primeira em 1909: em abril de 1910⁶⁰; em 1915⁶¹; em 1916⁶²; em junho de 1917⁶³; de junho a setembro e em dezembro de 1919⁶⁴; em janeiro e fevereiro de 1920⁶⁵; de fevereiro a junho de 1922⁶⁶; e, também, de março a junho de 1923⁶⁷.

⁵⁷ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 2 de novembro de 1920. p. 18.

⁵⁸ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 12 de novembro de 1911. p. 133.

⁵⁹ *Ibidem*. Reunião de 29 de outubro de 1905. p. 81.

⁶⁰ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 13 de abril de 1910. p. 48.

⁶¹ *Ibidem*. Reunião de 18 de novembro de 1915. p. 155.

⁶² ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 10 de maio de 1911. p. 177.

⁶³ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 6 de junho de 1917. p. 168.

⁶⁴ TEODORO, José Miguel de Jesus — *A Confederação Geral do Trabalho (1919-1927)*. Lisboa: FLUL, 2013. Tese de Doutoramento em História Contemporânea. p. 578-580.

⁶⁵ *Ibidem*. p. 580.

⁶⁶ *Ibidem*. p. 595-604.

⁶⁷ *Vulcano*, junho de 1923. p. 3.

Admitimos até a possibilidade de terem existido mais greves para além destas, que identificámos na consulta das fontes e na tese de José Teodoro, porque não encontramos qualquer referência feita pelos ourives da prata à greve de 1916 — curiosamente, foi nos registos dos ourives do ouro que tomámos conhecimento da sua ocorrência. Esta ausência de informação leva-nos a crer que nem todas as lutas seriam descritas em ata. A realização, em 1909, de uma assembleia geral extraordinária de protesto pelo assassinato do destacado propagandista anarquista Francisco Ferrer é mais um exemplo da ligação desta associação dos ourives da prata ao anarco-sindicalismo⁶⁸.

2.4. Os ourives no Sindicato Único Metalúrgico do Porto

O 2.º Congresso Operário Nacional aprova uma nova forma de organização em sindicatos únicos e mistos e apela às associações de classe e sindicatos que a coloquem em prática. Esta resolução começa a ser desenvolvida, no período preparatório do congresso, nas reuniões conjuntas das secções de Lisboa e Porto da União Operária Nacional. Em causa estava a definição de estratégias para a “constituição de Federações de Indústria e de Uniões locais de sindicatos, a formação de novos organismos primários de classe e a reorganização, se necessário, dos existentes, bem como a dinamização dos sindicatos únicos”⁶⁹. É assim que nasce a tese “Sobre Sindicatos Mistos e Sindicatos Únicos” que será discutida e aprovada no Congresso. De assinalar, neste contexto, um intenso debate entre os metalúrgicos e os operários da construção civil. Os primeiros entendiam que a organização dos sindicatos únicos deveria basear-se na matéria-prima, os segundos defendiam que a base deveria ser a produção. Para os metalúrgicos, o novo organismo deveria agrupar todos os operários que trabalhassem com metais. Para os operários da construção civil, deveria englobar todos aqueles que trabalhassem na indústria da construção⁷⁰.

Dando seguimento à orientação aprovada no Congresso, os ourives da prata e os ourives do ouro são duas das sete associações de classe metalúrgicas do Porto que se agregam e criam o Sindicato Único Metalúrgico do Porto⁷¹. José Teodoro destaca o processo de formação deste sindicato único como o “mais significativo”, com o

⁶⁸ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 21 de outubro de 190. p. 35.

⁶⁹ TEODORO, José Miguel de Jesus — *A Confederação Geral do Trabalho*.... p. 53.

⁷⁰ *Ibidem*. p. 69.

⁷¹ *Ibidem*. p. 114.

envolvimento dos dirigentes mais ativos das classes metalúrgicas, apoiados por delegados de Lisboa⁷². Assim, no período que antecede o Congresso, já no Porto se discutia a constituição de um sindicato único metalúrgico. Contudo, apenas é criado a 8 de janeiro de 1920, numa reunião em que participaram ourives da prata, ourives do ouro, metalúrgicos, eletricitistas, picheleiros, latoeiros e guarda-soleiros. Nessa reunião, é nomeada uma comissão administrativa, da qual fazem parte António Rodrigues dos Santos, pelos ourives da prata, e Inocêncio Guedes Casais, pelos ourives do ouro. Manuel Pereira Braga, metalúrgico, é nomeado secretário-geral⁷³.

Os únicos registos que existem acerca do Sindicato Único Metalúrgico do Porto cingem-se ao curto período de janeiro de 1920 a janeiro de 1922. Porém, sabemos que se manteve em funcionamento até ao fim do sindicalismo livre, aspeto que abordaremos mais adiante.

A análise das fontes no período referido permite-nos tirar ilações quanto à estrutura, organização e posicionamento ideológico do Sindicato, bem como sobre o papel dos ourives no seu seio.

O Sindicato tinha secções, distribuídas pela área do Grande Porto, certamente para um contacto mais próximo e permanente junto dos seus sócios. Esta estrutura organizativa tinha reflexos evidentes numa mais eficaz disseminação das orientações da CGT, bem como numa maior recolha de quotas e subscrições, com impacto a nível financeiro.

Na estrutura do Sindicato são conhecidas quatro secções e um conselho. Logo após a sua constituição refere-se a existência de duas secções: a 2.^a secção (Arrábida)⁷⁴ e a 3.^a secção (Gaia)⁷⁵. Ainda em dezembro de 1920, é constituída a 4.^a secção (Antas)⁷⁶ e, em abril de 1921, é criada a 5.^a secção (Matosinhos)⁷⁷, o que revela um assinalável crescimento do sindicato no meio operário metalúrgico. O conselho, formado a 8 de junho de 1920, era designado por Conselho Técnico e de Melhoramentos⁷⁸. Era constituído por uma comissão administrativa e pelos delegados das secções. Nas suas reuniões participavam, às vezes, os delegados de fábricas e oficinas. As discussões no conselho centravam-se sobretudo na ação reivindicativa.

⁷² *Ibidem*. p. 56.

⁷³ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 8 de janeiro de 1920. p. 1.

⁷⁴ *Ibidem*. Reunião de 12 de maio de 1920., p. 21.

⁷⁵ *Ibidem*. Reunião de 23 de abril de 1920. p. 19.

⁷⁶ *Ibidem*. Reunião de 8 de dezembro de 1920. p. 44.

⁷⁷ *Ibidem*. Reunião de 20 de abril de 1921. p. 56.

⁷⁸ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 8 de junho de 1920. p. 1.

O Sindicato começa a crescer, a destacar-se e recebe pedidos de integração, provenientes de outras classes – os pintores metalúrgicos⁷⁹, as costureiras de guarda-sóis⁸⁰ e a Associação de Soldadores do Norte de Portugal – que aprova, validando as suas entradas⁸¹.

No plano ideológico, era um sindicato muito reivindicativo. Destacamos, no período em análise, a realização de uma longa greve – de seis semanas e meia – dos operários do ramo do ferro que, “sem desfalecimento”, conquistaram um aumento de 60% no salário. Já os latoeiros e picheleiros, fruto da contestação, alcançam 50%⁸². Estas lutas seguem a corrente anarcossindicalista da CGT, com a qual este sindicato estava alinhado, elegendo delegados para o Conselho Confederal e cumpria as suas orientações. Podemos referir, a título de exemplo, uma circular da CGT a apelar ao aumento da quota sindical que, sendo um assunto sensível, não foi alvo de discussão, mas de reflexão sobre qual o melhor caminho para o implementar. Decidem convocar assembleias gerais em todas as secções para cumprir essa “exigência da CGT”⁸³.

A sentida homenagem prestada pelo Sindicato ao ideólogo anarquista Neno Vasco, aquando do seu falecimento, decidida unanimemente por todas as classes que compunham o sindicato, é também reveladora do seu compromisso com o anarco-sindicalismo⁸⁴.

Acreditamos que os ourives, pelo menos nos primeiros anos do Sindicato, assumiram um papel determinante, através de dois destacados ourives da prata: António Rodrigues dos Santos⁸⁵ e Inácio dos Santos Viseu⁸⁶. Logo em janeiro de 1921, a comissão administrativa do Sindicato nomeia António Rodrigues dos Santos como secretário-

⁷⁹ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 22 de setembro de 1920. p. 38.

⁸⁰ *Ibidem*. Reunião de 29 de setembro de 1920. p. 39.

⁸¹ *Ibidem*. Reunião de 23 de fevereiro de 1921. p. 51.

⁸² ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 3 de setembro de 1920. p. 9.

⁸³ *Ibidem*. Reunião de 25 de junho de 1920. p. 8.

⁸⁴ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 22 de setembro de 1920 p. 38.

⁸⁵ Membro do Núcleo da Juventude Sindicalista do Porto em 1914. Delegado ao Congresso Operário de 1919. É editor de *A Comuna*, em 1920. Em 1928 está em Lisboa e começa a colaborar no Comité Confederal. Em 1929 escreve no *Vulcano*. Em 1932 faz parte do Grupo da Graça da Aliança Libertária de Lisboa. Morre com cerca de 50 anos de idade. Nota biográfica disponível *on-line* em <https://bit.ly/33WWFdH>. Consultado em 13 de agosto de 2020.

⁸⁶ Delegado ao Congresso Operário de 1922. Participa na reunião plenária dos anarquistas do Porto *A Comuna*, I, n.º 81, 26.2.1922). Em 1923 está na USO-Porto; é secretário geral e participa na Conferência de Secretários Gerais das Uniões de Lisboa, 30-31.12.1923. Participou na Conferência Anarquista de Alenquer, 1923. Nota biográfica disponível *on-line* em: <https://bit.ly/3kHsm0z>. Consultado em 13 de agosto de 2020.

geral⁸⁷. Este destacado militante anarquista, dinamizador de lutas e greves, era conhecido, na extinta associação de classe de ourives da prata, pelos seus discursos eloquentes a favor da causa operária. Porém, pouco tempo depois, em julho, é forçado a pedir a demissão do cargo de secretário-geral por estar desempregado, sendo Lisboa o destino onde procurará trabalho. Toda a direção do sindicato lamenta o “infortúnio do camarada” e tem uma atitude inédita, justificada pela dedicação inextinguível de António Rodrigues dos Santos, auxiliando a sua mulher com 20 escudos⁸⁸.

Será Inácio dos Santos Viseu quem assumirá, ainda em 1921, o cargo de secretário-geral. Destacado militante anarquista, membro da Juventude Sindicalista⁸⁹, já tinha sido nomeado secretário-geral do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato em 1920⁹⁰ e louvado, pelos seus companheiros, pela forma “enérgica como dirigiu” a vitoriosa greve do ramo do ferro em agosto desse ano⁹¹. Em 1922, assume novamente o lugar de secretário-geral do Sindicato⁹² e, em 1923, é o redator principal do órgão oficial do Sindicato, o jornal *Vulcano*⁹³.

É curioso perceber que a classe dos ourives não tendo sido, muito provavelmente, quem mais sindicalizados trouxe ao Sindicato Metalúrgico, teve um notável destaque, através dos seus dirigentes.

Pelos dados obtidos na *Inquirição pelas associações de classe sobre a situação do operariado*, em 1909, sabemos que os ourives do ouro tinham 92 associados⁹⁴, os ourives da prata 181⁹⁵ e os metalúrgicos 731 sindicados⁹⁶. Pese embora os dez anos que distam até à fusão no Sindicato Único Metalúrgico do Porto, acreditamos que estes números, ainda que tenham aumentado, mantiveram a sua proporção. Assim, seria expectável que classes com maior número de associados tivessem um maior peso na direção do Sindicato.

⁸⁷ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 26 de janeiro de 1921. p. 49.

⁸⁸ *Ibidem*. Reunião de 27 de julho de 1921. p. 61.

⁸⁹ *Ibidem*. Reunião de 24 de agosto de 1921. p. 63.

⁹⁰ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 8 de junho de 1920. p. 1.

⁹¹ *Ibidem*. Reunião de 3 de setembro de 1920. p. 9.

⁹² ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 11 de janeiro de 1922. p. 77.

⁹³ *Vulcano*, junho de 1923. p. 1.

⁹⁴ SIMÕES, José de Oliveira — *Inquirição pelas associações de classe sobre a...* p. 495.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 490.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 26.

3. Os ourives e o fim do sindicalismo livre

Os últimos anos da I República foram marcados por uma intensificação da repressão sobre os sindicatos. O Sindicato Único Metalúrgico do Porto não ficou imune a essa situação. A partir dos únicos registos existentes, em 1920 e 1921, conseguimos identificar a prisão de Mendes Gomes quando se deslocou a Lisboa em representação do sindicato⁹⁷; dois ourives do ouro que foram “vítimas do último movimento grevista”⁹⁸; a prisão de dois membros da comissão administrativa do Sindicato, Manuel Ferreira da Silva e Mário Gonçalves Gabim⁹⁹ e “jovens comunistas metalúrgicos” que foram presos por questões sociais¹⁰⁰. Era notório o ambiente de perseguição aos sindicalistas e de repressão das ações grevistas pelas autoridades policiais. Em agosto de 1920, já o Sindicato protestara pelo assalto que sofrera o jornal *A Batalha*, órgão oficial da CGT¹⁰¹ e, em outubro do mesmo ano, contra a atitude “ministerial” que pretendia “encerrar todos os sindicatos”¹⁰².

No Congresso Nacional Metalúrgico, realizado em Coimbra nos dias 20 a 23 de abril de 1924, regista-se um conflito entre o Sindicato Único Metalúrgico do Porto e o Sindicato Único Metalúrgico de Lisboa e a Comissão Organizadora do Congresso. O motivo foi esta ter recusado a inclusão, na ordem de trabalhos, de uma tese dos metalúrgicos do Porto sobre organização sindical. Os congressistas acabaram por aceitar discutir a tese sob a ameaça dos metalúrgicos do Porto abandonarem os trabalhos.

Um episódio, ocorrido em 1926, alterará decididamente o rumo do Sindicato Único Metalúrgico do Porto. A Federação Nacional Metalúrgica resolve destituir os dirigentes da sua congénere a Norte – o Comité Federal Metalúrgico do Norte –, contando com o apoio do Sindicato. Como ato de retaliação, os dirigentes destituídos avançam “para a constituição de um novo sindicato, a Associação de Classe dos Operários das Artes Metalúrgicas do Porto, que será uma alternativa ao Sindicato Único Metalúrgico local”¹⁰³.

⁹⁷ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 20 de julho de 1920. p. 31.

⁹⁸ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 2 de novembro de 1920. p. 18.

⁹⁹ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da 4.ª Secção (Antas) do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 11 de março de 1921. p. 7.

¹⁰⁰ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 14 de setembro de 1921. p. 66.

¹⁰¹ *Ibidem*. Reunião de 1 de setembro de 1920. p. 36.

¹⁰² ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato Único Metalúrgico do Porto*. Reunião de 6 de outubro de 1920. p. 16.

¹⁰³ TEODORO, José Miguel de Jesus — *A Confederação Geral do Trabalho*....p. 443.

Saúl de Sousa¹⁰⁴, dirigente do Sindicato, alegou que esta cisão resultou do encontro de vontades de sindicalistas socialistas e comunistas locais¹⁰⁵. O operário funileiro Anastácio Gonçalves Ramos¹⁰⁶ é prova disso. Esteve envolvido em todo este processo do novo sindicato e foi dos primeiros militantes do Partido Comunista Português na cidade do Porto¹⁰⁷.

Pese embora esta informação, certo é que, a 1 de fevereiro de 1926, a Associação de Classe dos Operários das Artes Metalúrgicas do Porto é reativada, solicitando os seus dirigentes ao Sindicato Único Metalúrgico do Porto “que devolva os haveres da nossa associação de que estão na posse abusivamente”¹⁰⁸. Não foi criado um novo sindicato mas sim reativado. E não foi o único. Os ourives do ouro voltam a reunir, a 5 de março de 1926, elegendo uma comissão administrativa, tendo em vista a reorganização da sua associação de classe. Informam assim o Sindicato Único Metalúrgico do Porto que pretendem a sua desfiliação e a recuperação dos seus haveres¹⁰⁹. Já os ourives da prata reuniram pela última vez, como associação de classe, a 20 de abril de 1920, aquando do seu ingresso no Sindicato Único¹¹⁰. Desconhecemos que possam ter regredido nessa decisão, pelo que, certamente, se mantiveram integrados no Sindicato e fiéis aos princípios do anarco-sindicalismo, que os seus principais dirigentes sempre propagandearam. O Sindicato Único acaba assim por ser um espaço de união entre ourives do ouro e da prata só durante um curto período de quase seis anos.

No início dos anos 30, a corrente anarcossindicalista que domina a CGT começa a partilhar terreno não apenas com os “moderados socialistas que reaparecem” como também com os “aguerridos e ultrarrevolucionários comunistas”¹¹¹. É assim num contexto de falta de unidade no seio do movimento operário – que ainda procura recuperar

¹⁰⁴ Escreve em *A Comuna*, em 1923. Segundo Virgínia Dantas, era sobrinho de Manuel Joaquim de Sousa. Em 1925 é o delegado do Sindicato Único Metalúrgico do Porto ao Congresso Confederal de Santarém. Nota biográfica disponível *on-line* em: <https://bit.ly/31NMo0N>. Consultado em 13 de agosto de 2020.

¹⁰⁵ TEODORO, José Miguel de Jesus — *A Confederação Geral do Trabalho (1919-1927)*, p. 444.

¹⁰⁶ Em 1923 está nos Núcleos S-R. Em 1926 já é considerado PC sectário e "traidor", pelos anarquistas. Deportado nos Açores em 1930-31. Nota biográfica disponível *on-line* em: <https://bit.ly/2XZPD47>. Consultado em 13 de agosto de 2020.

¹⁰⁷ PEREIRA, José Pacheco — Contribuição para a história do Partido Comunista Português na I República (1921-26). *Análise Social*. Vol. XVII, 3.º- 4.º, n.º 67-68 (1981) p. 695-713. SILVA, J. — *Anastácio Ramos (um operário com história)*. Porto: ed. Autor, 1958.

¹⁰⁸ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Direção*. Reunião de 1 de fevereiro de 1926. p. 1.

¹⁰⁹ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 5 de março de 1926.

¹¹⁰ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*. Reunião de 20 de abril de 1920. p. 23.

¹¹¹ PATRIARCA, Fátima — *A Questão Social no Salazarismo...* p. 631.

da vaga repressiva que se seguiu às greves de 1932, que privou a CGT e a Comissão Inter Sindical (CIS) de muitos dos seus dirigentes e militantes mais ativos¹¹² – que, em 1933, saem os decretos que instauram a nova ordem corporativa.

Nestes anos 30, sabemos que o Sindicato Único Metalúrgico do Porto continuou ativo. Os ourives do ouro insurgem-se contra o Sindicato, em outubro de 1931, por este querer promover uma reunião conjunta entre ourives da prata e do ouro, não lhes reconhecendo legitimidade para tal¹¹³. Sabemos ainda, por intermédio da Associação de Classe dos Operários das Artes Metalúrgicas do Porto, que, em setembro de 1932, o Sindicato era responsável por provocar “turbulência” e por fazer “promessas mirabolantes aos operários metalúrgicos”¹¹⁴. Certamente, procurava combater a ditadura militar, enquanto se caminhava para os últimos dias de ação sindical livre.

Conclusão

Os operários, apoiados por pensadores socialistas, anarquistas e sindicalistas revolucionários, nos finais do século XIX, lutaram para pôr termo à exploração capitalista, almejando pela sua emancipação social¹¹⁵. Julgamos que também os ourives da cidade do Porto o ambicionavam, procurando tomar nas suas mãos os destinos das suas vidas. Esse desejo foi notório em todas as lutas encetadas pela melhoria das condições de vida e de trabalho. Os ourives tiveram uma participação ativa, contestatária, ainda que fosse visível uma diferença de atitude entre os ourives do ouro e os da prata.

O associativismo de classe dos ourives do Porto nasce separado à nascença pelo metal que os operários trabalhavam. Apesar disso, os interesses e as lutas em que estiveram envolvidos foram pontos em comum. Pese embora alguns episódios de rivalidade registados, conseguiram manter uma relação de solidariedade operária entre si.

As duas associações de classe de ourives da prata e do ouro posicionaram-se de forma distinta no movimento operário nacional e local. Os ourives da prata estavam mais envolvidos na União Operária Nacional, ao contrário dos ourives do ouro que tiveram uma postura mais independente dessa estrutura sindical nacional, ficando na expectativa

¹¹² PATRIARCA, Fátima — A institucionalização corporativa – das associações de classe aos sindicatos corporativos. *Análise Social*, Vol. XXVI, 1.º, n.º 110 (1991) p. 32.

¹¹³ ADP/GC. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas da Direção*. Reunião de 29 de outubro de 1921. p. 165.

¹¹⁴ ADP/GC. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Direção*. Reunião de 9 de setembro de 1932. p. 44.

¹¹⁵ PEREIRA, Joana Dias — *Sindicalismo Revolucionário: ...* p. 161.

sobre o rumo que seguiria. No que toca à Federação das Associações Operárias, esta tinha maior influência junto dos ourives do ouro do que no seio dos ourives da prata.

No plano ideológico, tudo nos indica que os ourives do ouro foram mais próximos do socialismo reformista e os ourives da prata do sindicalismo revolucionário e do anarcossindicalismo. O carácter reivindicativo dos ourives da prata, evidenciado nas inúmeras greves encetadas contra o patronato, é elucidativo das práticas de ação direta tão preconizadas pelos ideólogos do sindicalismo revolucionário. Já os ourives do ouro assumiram uma postura mais resistente a esses princípios, pautando a sua ação reivindicativa pela moderação e pela procura de consensos com os patrões, algo presente nos postulados do socialismo reformista.

Com a constituição do Sindicato Único Metalúrgico do Porto, conotado com a linha anarcossindicalista preconizada pela CGT, é incontornável o importante papel que os ourives da prata assumiram nos seus principais órgãos, ficando os ourives do ouro numa posição menos destacada. Serão quase seis anos em que as duas associações de classe de ourives coexistem na mesma estrutura reivindicativa. 1926 será marcado pela saída dos ourives do ouro do Sindicato Único e pela divergência de posicionamento das duas associações de classe. Os ourives do ouro decidem refundar a sua associação de classe, mas os da prata mantêm-se fiéis ao Sindicato.

Até à instauração da nova ordem corporativa, em 1933, que determinará o fim do sindicalismo livre, ourives do ouro e da prata voltam a caminhar separados, bem mais distantes do que aquando da criação e primeiros anos das suas associações de classe. Nesta fase, ourives do ouro e da prata já estão mais definidos ideologicamente, tendo adquirido vivência e experiência, decidindo trilhar rumos diferentes.

Fontes e bibliografia

Fontes arquivísticas:

Arquivo Distrital do Porto. Governo Civil. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives de Prata e Artes Correlativas — *Atas das Assembleias Gerais*, 1905-1921.

Arquivo Distrital do Porto. Governo Civil. Associação de Classe dos Oficiais de Ourives do Porto — *Atas da Direção*, 1905-1931; *Atas das Assembleias Gerais*. 1897-1932.

Arquivo Distrital do Porto. Governo Civil. Associação dos Operários das Artes Metalúrgicas — *Atas da Direção*, 1916-1933; *Atas do Conselho Técnico e de Melhoramentos do Sindicato*

Único Metalúrgico do Porto, 1920-1921; Atas da Comissão Administrativa do Sindicato Único Metalúrgico do Porto, 1920-1922; Atas da 4.ª secção (Antas) do Sindicato Único Metalúrgico do Porto, 1920-1921.

Fontes hemerográficas:

Vulcano. Porto, 1923.

Outras fontes impressas:

SIMÕES, José de Oliveira — “Inquirição pelas Associações de Classe sobre a situação do Operariado”. *Boletim do Trabalho Industrial*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1910.

Webgrafia:

<http://mosca-servidor.xdi.uevora.pt/projecto/index.php> (Sistema de Informação MOSCA)

Bibliografia:

CASTANHEIRA, José Pedro — *Os Sindicatos e o Salazarismo: a História dos Bancários do Sul e Ilhas (1910-1969)*. Lisboa: Sindicato dos Bancários do Sul e Ilhas, 1983.

FLORES, Alexandre — *Almada na história da indústria corticeira e do movimento operário (1860-1930)*. Almada: Câmara Municipal, 2003.

GOODOLPHIM, Costa — *A Associação*. Porto: Seara Nova, 1974.

GUIMARÃES, Paulo Eduardo — *Indústria e conflito no meio rural: os mineiros alentejanos (1858-1938)*. Lisboa: Colibri/Cidehus, Universidade de Évora, 2001.

MÓNICA, Maria Filomena — “Indústria e democracia: os operários metalúrgicos de Lisboa (1880-1934)”. *Análise Social*. Vol. XVIII, 3.º- 4.º- 5.º, n.º 72-73-74 (1982) p. 1231-1277.

MÓNICA, Maria Filomena — Poder e saber: os vidreiros da Marinha Grande. *Análise Social*. Vol. XVII, 3.º- 4.º, n.º 67-68 (1981) p. 505-571.

MÓNICA, Maria Filomena — Uma aristocracia operária: os chapeleiros (1870-1914). *Análise Social*. Vol. XV, 4.º, n.º 60 (1979) p. 859-945.

NUNES, Américo — *Diálogo com a História Sindical: Hotelaria: De Criados Domésticos a Trabalhadores Assalariados*. Lisboa: Editorial Avante, 2007.

OLIVEIRA, César — *A Criação da União Operária Nacional*. Porto: Afrontamento, 1973.

PATRIARCA, Fátima — A institucionalização corporativa – das associações de classe aos sindicatos corporativos. *Análise Social*. Vol. XXVI, 1.º, n.º 110 (1991). p. 23-58.

PATRIARCA, Fátima — *A Questão Social no Salazarismo 1930-1947*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995. 2 vol.

PEREIRA, Gaspar Martins, CASTRO, Maria João — *Do Corporativismo ao Anarco-Sindicalismo. Sobre o movimento operário no Porto na segunda metade do século XIX*. In *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam*. Porto: FLUP, 1999. Vol. II, p. 203-212.

PEREIRA, Joana Dias — *Sindicalismo Revolucionário: A História de uma Idéia*. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2011.

PEREIRA, José Pacheco — A origem do movimento operário no Porto: as associações mutualistas (1850-70). *Análise Social*. Vol. XVII, 1.º, n.º 65 (1981) p. 135-151

PEREIRA, José Pacheco — Contribuição para a história do Partido Comunista Português na I República (1921-26). *Análise Social*. Vol. XVII, 3.º- 4.º, n.º 67-68 (1981) p. 695-713.

TEODORO, José Miguel de Jesus — *A Confederação Geral do Trabalho (1919-1927)*. Lisboa: FLUL, 2013. Tese de Doutoramento em História Contemporânea.

TORRES, Eduardo Cintra — *A greve geral de 1903 no Porto: um estudo de história, comunicação e sociologia*. Porto: Afrontamento, 2018.

VALPAÇOS, António – O associativismo de classe dos ourives no Porto: das origens ao fim do sindicalismo livre (1897-1933). In *Omni Tempore: Atas dos Encontros da Primavera 2019*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2020. pp. 239-262.

VENTURA, António — *Os Corticeiros de Portalegre. Actas Sindicais (1910-1920)*. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 1987.

VIEIRA, Alexandre — *Para a história do sindicalismo em Portugal*. Lisboa: Seara Nova, 1970.